

## RASGANDO AS PÁGINAS DO SILENCIAMENTO: O LESBIANISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

Giceli Ribeiro dos Santos\*

**RESUMO:** *Embora não encontremos o homossexualismo feminino como tema recorrente em nossas letras, encontramos sua manifestação em obras de grandes autores que vão desde Gregório de Matos e Joaquim Manoel de Macedo a Lygia Fagundes Telles, passando por Aluísio Azevedo. Apesar de, na maioria das vezes, ao escreverem sobre o “amor proibido”, o tenham feito de forma caricatural e/ou pejorativa, não podemos deixar de ressaltar a importância dessa iniciativa, já que, partindo de uma perspectiva libertadora, esses autores ousaram tocar em um assunto até então relegado ao silêncio. Essa coragem foi e é ainda maior quando quem ousa escrever sobre tal assunto é uma mulher, pois corre o risco quase que inevitável de ser considerada lésbica. Por tudo isso, este trabalho objetiva fazer um retrospecto acerca do tratamento dado ao lesbianismo na Literatura Brasileira e suas formas de abordagem em diferentes épocas e por autores de estilos diversos. Através de um processo de análise crítico-reflexiva, buscamos discutir o fato de o lesbianismo ter sido excluído daquilo que se convencionou chamar de literatura, ficando, quase sempre, à margem da arte literária e sendo, por vezes, classificado como “pornográfico”. Faz-se necessário que tais preconceitos sejam deixados de lado e se passe a escrever e discutir sobre o lesbianismo como se escreve e se discute sobre a escravidão, as guerras, a fome, o amor, a amizade, enfim, é necessário que haja uma, se não total, pelo menos ampla, desmitificação do assunto, de modo que possa ser tratado sem maiores constrangimentos.*

**Palavras-chave:** Literatura; Lesbianismo; Sexualidade feminina.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir a inserção de personagens lésbicas em textos de autores brasileiros consagrados e de diferentes épocas. Para tanto, utilizamos vasto arcabouço teórico que vai desde grandes psicólogos a antropólogos renomados.

Buscamos analisar, entre outros aspectos, a influência exercida pelo meio no qual se encontravam os autores no momento da criação das personagens, bem como essa influência determina o desenrolar das narrativas (“As meninas”, “Ciranda de pedra”, “A escolha”, todos de Lygia Fagundes Telles; “Vertigem”, de Laura Villares; “O cortiço”, de Aluísio Azevedo; “Saga”, de Érico Veríssimo e o poema “Nise”, de Gregório de Matos), numa perspectiva que não visa apenas discutir as personagens lésbicas nesses textos, mas analisar, ainda, a forma, muitas vezes, preconceituosa com que as mesmas em alguns momentos foram tratadas dentro da história.

Todavia, não basta discutir o “como” se tratou a lésbica dentro dessas obras. É necessário, também, buscar inserir tais personagens em nossa literatura tendo como alvo a realidade dos fatos que as cercam e tentando, ao máximo, distanciar essas obras do senso-comum, de modo que se extinga de vez o “achismo” e a tendência à discriminação e ao preconceito.

Dividimos este trabalho nas seguintes subseções: resumo, introdução, o lesbianismo como tema literário, a lésbica na pena feminina, “cultura do silenciamento”, os primórdios, uma questão de “condição”, o lesbianismo na literatura brasileira contemporânea, considerações finais, referências bibliográficas.

---

\* Acadêmica do Curso de Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana - Departamento de Letras & Artes. Orientadora Professora Adriana Dantas Reis Alves da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Historicamente, no Brasil, pouco ou nada se sabe a respeito do lesbianismo como tema literário. O desconhecimento da existência se dá, na maioria das vezes, por questões preconceituais: falar sobre as “minorias” nunca foi tarefa fácil, principalmente se se tem com essas “minorias” um pacto de silêncio estabelecido há milênios, como é o caso das sociedades cristãs que ignoravam, desprezavam ou condenavam os homossexuais. E ainda o fazem!

A introdução de personagens lesbianos em nossa literatura, ao longo dos séculos, tem sofrido não só com a censura e a crítica de um modo geral, mas também com a autocensura. Diversos são os fatores que influenciaram (e continuam influenciando) a não-inserção de personagens lésbicas em obras de grandes autores. Entre estes diversos, poderíamos citar a rotulação dessas personagens e, conseqüentemente, da obra em si, como pornográficas; a não-introdução no caso da autoria feminina se daria pela questão da “identificação”, isto é, por escrever sobre tal assunto a escritora poderia ser considerada lésbica e, no contexto no qual estamos inseridos, tal rótulo se torna quase sempre indesejável. Buscar a “imagem do eu imprimida na tela do olhar do outro” (SANTAELLA, 1996, p. 64), é algo inteiramente novo. E não visto com bons olhos. Além disso “as mulheres adotam os critérios masculinos, inconscientemente e consideram positivo, como o homem, o que é viril” (MANHÃES, 1977, p.1). Portanto, para as mulheres, é bem mais fácil, simples e descomprometedor falar/escrever sobre política, guerra, governos, etc., que falar/escrever sobre a própria sexualidade.

Temos a presença do lesbianismo em nossas letras desde a época quinhentista, quando era demasiadamente forte a influência exercida pela Europa em nosso país principalmente a exercida por Portugal, país do qual bebemos na fonte e nos inspiramos para compor muitos de nossos personagens, mesmo porque desde o século XIV esse tema já era abordado pela pena portuguesa. Mas é com Gregório de Matos, o Boca do Inferno, grande expoente de nossas letras, que o lesbianismo “sai do armário” em que estava confinado e surge como tema explorado por autor brasileiro.

Embora nossos livros didáticos pouco ou nada falem a respeito da personalidade machista de Gregório de Matos, sabe-se que ele, em uma de suas “solicitações lascivas”, engraçou-se, por assim dizer, por uma lésbica, à qual deu o nome fictício de Nise, e dedicou-lhe o poema intitulado: “Uma dama que macheava outras mulheres”.

...

Se por Damas me aborreces absorta em suas belezas,  
a tua como a desprezas, se é maior as que te apeteças?  
Se a ti mesma te quisesses, querendo, o que a mim me praz,  
Seria eu contente assaz, mas como serei contente,  
Se por mulheres se sente, que a homem nenhum te dás?

...

Que rendidos homens queres, que por amores te tomem?  
Se és mulher não para homem, e és homem para mulheres?  
Qual homem, ó Nise, inferes que possa senão eu ter  
valor para te querer? Se por amor nem por arte  
de nenhum deixas tomar-te, e tomas toda a mulher!

...

Com este poema, Gregório de Matos começa a pôr sob terra dois mitos que rondam o lesbianismo (aliás, o homossexualismo em si): o primeiro é o de que os homossexuais são feios, desajeitados e, por isso, não desejados pelo sexo oposto, fazendo do “amor proibido” uma espécie de válvula de escape; o segundo mito é o de que toda lésbica é masculinizada, sem sensibilidade, desprovida de sentimentos femininos e feminilidade. Na realidade, Nise é uma personagem muito pouco caricatural uma vez que sua aparência delicada e o desejo que

provocava nos homens à sua volta “escandalizava o Boca do Inferno exatamente por ser muito feminina e não obstante, ‘machear’ outras filhas de Eva” (MOTT, 1987, p.69). Vale observar que Gregório foi um dos poucos autores a tratar o lesbianismo de forma um tanto quanto realística (principalmente se levarmos em conta a época em que escreveu!), deixando de lado os estereótipos tão constantemente utilizados para a caracterização de personagens homossexuais na literatura brasileira.

Faz-se de grande valia observar que a expressão “homossexualismo” ainda não era utilizada no Brasil e onde isso já acontecia era muito pouco difundida.

Se o tema “lesbianismo” é explorado, mesmo que esporadicamente, por autores brasileiros do sexo masculino desde o quinhentismo, esse mesmo tema só chega à pena feminina nas primeiras décadas do século XX, quando começa a ser explorado por autoras como Gilka Machado, Raquel de Queiroz e Clarisse Lispector, mesmo que, em muitos casos, o homossexualismo feminino fique subtendido ou, simplesmente, camuflado no texto.

Aqui é válido salientar a observação da Dr<sup>a</sup> Manhães em seu livro *Psicologia da mulher e outros trabalhos* ao criticar a (auto) censura das mulheres quando querem escrever sobre a sexualidade feminina: “Quando pensamos e sentimos com liberdade, o pensamento é fácil, a frase é clara e a descrição é simples”. E acrescenta: “Mas as mulheres, não são livres internamente. Participamos, culturalmente, de uma série de preconceitos” (MANHÃES, 1977, p. 3). Daí, a grande dificuldade que muitas mulheres tiveram e ainda têm de tratar sobre o lesbianismo em seus textos, uma vez que, intimamente, nenhuma ou pouquíssimas sentem-se livre por completo, a ponto de expressar seus desejos e ansiedades em público.

Já Zilda de Oliveira Freitas, em seu artigo *A literatura de autoria feminina diz que*

As mulheres, atualmente, escrevem também por todas aquelas que nos séculos anteriores e mesmo hoje em dia, em culturas mais restritivas, são silenciadas. Ao meu ver, a escrita feminina é justamente este livre expressar-se do universo feminino, paralelo ao masculino, sem imitá-lo, mas também sem desconhecê-lo. A realidade da produção literária do nosso século opõe os contrários, sem que a mulher precise adotar o estilo do elemento masculino dominador, mantendo a sua natureza feminina. (FERREIRA, Silvia Lucia & NASCIMENTO. Enilda Rosendo do. (Orgs.), 2002, p. 122).

Notamos que, em aproximadamente 30 anos, a relação da mulher com as letras foi-se intensificando e tomando novos paradigmas: deixou-se de lado a tentativa de imitar o homem tanto no modo de escrever quanto na forma de conceber o mundo. A mulher passa a reconhecer e, sobretudo, a aceitar as diferenças. Há, a partir de então, a valorização dessas diferenças e a (re) afirmação do universo feminino e, ainda, segundo Zilda de Oliveira, “a literatura produzida pela mulher baseia-se neste seu universo, sendo mesmo resultante de um corpo que se fez experiência histórica e social, de um psiquismo que se fez cultura. Entre o público e o privado, a mulher que escreve estabelece seu mundo imaginário, procurando dizer de si mesma aos outros e propondo maneiras inovadoras de estar e dizer.”

(FERREIRA, Silvia Lucia & NASCIMENTO. Enilda Rosendo do. (Orgs.), 2002, p. 120).

Já para os homens, a dificuldade reside no fato de, havendo uma forte “cultura de silenciamento”, ainda em voga na sociedade acerca da prática homossexual feminina e da própria sexualidade da mulher, e pelo fato de, segundo Pinto-Bailey, o sujeito lesbiano, por fugir à definição aceita de ‘feminino’, romper radicalmente com os padrões de gênero estabelecidos, “ao não se definir em função do desejo masculino e do sistema de reprodução biológica e de transmissão de valores econômicos e ideológicos. Por não ser possível categorizá-la dentro desses padrões, a lésbica termina reduzida ao ‘não-ser’, ao que não se nomeia (e o que não se

nomeia não existe)” (BAILEY, 1999, p. 405-21), logo, não há como se escrever sobre algo inexistente.

Observamos que, no decorrer do tempo, a mulher tem sido vista, originariamente, como ser responsável por todos os males e dores do mundo, magicamente interpretada como ente que dá nascimento ao que há de mau, ou, posteriormente idealizada e santificada na figura da mãe redimida e redentora das condições desfavoráveis da vida. (MANHÃES, 1977, p. 3).

Portanto, culturalmente, à mulher foram dadas duas opções, dois caminhos distintos a serem trilhados: o de Eva, pecadora e, por conseguinte, condenada a “padecer no paraíso”; e o de Maria, a virgem imaculada, exemplo das mais altas virtudes e da redenção. Neste contexto, não há brecha alguma para quem fuja destes parâmetros de “ser mulher”.

A respeito da identificação de um sujeito como mulher, Maria Rita Kebl, em seu artigo *Sexualidade Recontextualizada*, nos diz que

Para entender não o que é uma mulher, mas o que um sujeito pode se tornar a partir do fato de se identificar como mulher, é necessário diferenciar: 1: a sexuação. O processo que faz com que alguém se identifique como uma mulher (ou um homem), processo que passa pelo signifiante e se estabelece como uma das poucas insígnias do ser, a ponto do sujeito nunca mais duvidar, segundo a brincadeira lacaniana, sobre a portinha do banheiro à qual deve se dirigir; 2: a feminilidade e a masculinidade, construções do discurso, possibilidades de estilo, diferenciações de campos que a cultura estabelece entre homens e mulheres e que fazem ponto de encontro entre a psicanálise e as teorias sobre gênero [...]; 3: as posições masculina e feminina, que tentam reconstituir a oposição complementar fálico/castrado do imaginário infantil na parceria sexual – um que se faz de objeto/castrada para o outro que se faz sujeito/fálico, ainda que este último ignore que não é do falo mas da falta que se sustenta sua própria posição viril, desejante. (grifo da autora). (FERREIRA & NASCIMENTNO, (orgs). 2002, p.17)

Outro expoente que ousou tratar do lesbianismo em texto seu foi Joaquim Manoel de Macedo quando, no final do século XVIII, publicou seu romance “As mulheres de Mantilha”. Segundo Mott (1987), não devemos esperar nesse romance “páginas de chocante realismo”, pois, embora a Europa vivesse a efervescência do realismo/naturalismo, o Brasil mantinha-se mergulhado numa onda de puritanismo.

É interessante notar que, embora tudo levasse a crer que teríamos um final feliz para o “amor estéril” das duas personagens (Inês e Izidora), no decorrer da trama, somos surpreendidos (se é que o fato realmente nos causa alguma surpresa) pela revelação de que Izidora, na verdade, é um jovem rapaz que se traveste para fugir do recrutamento militar. Um final perfeito para a moral cristã da época, que extingue qualquer possibilidade de um amor “não-natural” prosperar.

Outra importante página (provavelmente o divisor de águas) a tratar do lesbianismo nas letras brasileiras é o romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo. Neste romance temos a tônica do naturalismo, com seu cientificismo/evolucionismo introduzidos nos tipos humanos criados pelo autor. Note-se que, pouco antes de lançar O Cortiço, Aluísio já havia tratado do amor entre duas mulheres em outro livro – Condessa Vésper – inicialmente publicado em folhetim. Neste livro ainda não encontramos o sexo animalesco presente em O Cortiço. Entretanto, são várias as cenas de carícias trocadas entre essas cariocas, beijos, afagos...”(MOTT, 1987 Apud AVEZEDO, p. 74-5”).

Em Condessa Vésper, Ambrosina, a protagonista da história, era uma senhora casada que abandona o lar para viver maritalmente (se é que podemos utilizar este termo) com uma jovem de 16 anos, referindo-se à sua nova condição da seguinte maneira:

Meu corpo tem hoje de mulher a forma primitiva, habitou-o porém agora a alma de um demônio unissexual a quem desgostam as triviais carícias masculinas. A minha carne rebelde repugna agora o rijo contacto da musculatura dos Hércules e sorri o doce e curvilíneo afago da linha dos ganimedes [...] (MOTT, 1987 Apud AZEVEDO, p.74).

Ainda segundo Maria Rita Kebl, em seu artigo *Sexualidade Recontextualizada*,

a teoria psicanalítica concedeu um lugar, ainda que no campo do sintoma, à ‘masculinidade’ nas mulheres. Ao afirmar a bissexualidade como constitutiva da feminilidade, e não como aberração a ser extipada (embora, ainda, como possibilidade à qual uma mulher tenha que saber renunciar para fazer-se ‘toda’ feminina) [...] (FERREIRA & NASCIMENTO (orgs), 2002, p.15)

Freud não compreendeu plenamente o que escutou de suas analisandas; caso isso tivesse acontecido, “não teria proposto que a cura para o sofrimento histérico estava em restituir aquelas mulheres rebeldes a um padrão de feminilidade que a modernidade já estava tornando inviável” (FERREIRA & NASCIMENTO (orgs), 2002, p.15).

Já Maria Rodrigues Aquino, em seu artigo “Resistência no asilo midiático” (2003), esclarece que existe entre duas mulheres de prática homossexual uma espécie de “química do igual”, onde ambas “buscam sua linguagem gentil, sensual, misteriosa, sedutora, tudo que no sexo oposto raramente encontram”.

Mas é em “O Cortiço” que o autor, no caso Aluísio Azevedo, põe maior realismo à situação, ao descrever a cena em que Léonie, tomada por um desejo incontrollável, investe como uma “fêmea no cio” contra a virgem Pombinha que, a todo custo, tenta fugir das investidas violentas da “cocote”. Porém, após infundadas tentativas, Léonie consegue fazer com que sua “presa” sinta prazer na relação, alcançando a satisfação sexual.

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pommas irrequietas sobre seu mesquinho peito de donzela impúbere, e o roçar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensíveis de sua feminilidade, acabaram por afoguem-lhe a razão ao rebate dos sentidos. (MOTT, 1987 Apud AZEVEDO p.75-6).

Embora tenha algo de caricatural, visto que é estabelecida uma relação de poder e violência, onde uma das partes envolvidas é forçada a participar do idílio amoroso, a publicação desta obra constitui-se de inenarrável importância para a história de nossas letras, pois trata o tema não apenas na perspectiva da sexualidade, mas evoca toda uma análise política e cultural no que tange às relações de poder formadas em nossa sociedade.

Em 1926, é lançado o livro “Vertigem”, de Laura Villares, autora muito pouco conhecida em nossos meios. Este livro, apesar de apresentar aspectos semelhantes aos presentes em “O Cortiço”, a censura, ou melhor, a autocensura sofrida pela autora certamente foi bem maior, mesmo tendo sido publicado quase quatro décadas após o livro de Aluísio.

Um grande expoente de nossas letras que também teve a ousadia de inserir personagens lésbicas em sua obra foi a não pouco conhecida Lygia Fagundes Telles, fazendo isso em três ocasiões distintas: a primeira em 1926, a segunda em 1954 e a terceira em 1985.

Telles lança o romance “Ciranda de Pedra” romance no qual a protagonista, Letícia, após forte decepção sofrida num relacionamento heterossexual, passa a seduzir moças mais jovens, quando, numa dessas investidas, apaixona-se por Virgínia. Há, no romance, cenas bastante avançadas para a época, principalmente se levarmos em consideração o fato de o país viver mergulhado num profundo mar de puritanismo. Entretanto, neste primeiro momento, Telles coloca o relacionamento homossexual como uma forma de expressar a frustração da protagonista já que esta passa a se relacionar com outras mulheres pelo fato de seu relacionamento com de algo traumatizante. E essa nova experiência, pautada na descrença em um novo relacionamento heterossexual, surge como tábua de salvação. Dessa forma, podemos observar que há em Telles não só uma expressão de autocensura, já que sua posição social não lhe permitiria ir além. Mas também e, talvez principalmente, uma nítida expressão do preconceito que até então dominava a sociedade brasileira. Observemos que, mesmo a personagem mantendo um relacionamento homossexual, é o rosto de Conrado, o homem a quem amou, e por quem foi recusada, que a protagonista vê nos momentos em que se entrega à outra.

Já em 1973, em “As Meninas”, Telles coloca o homossexualismo feminino de forma um tanto quanto “natural”, de maneira que o preconceito não mais aparece de forma tão gritante. Ao contrário, a relação se dá de uma maneira tão espontânea que se realiza como processo pelo qual, inevitavelmente, se haverá de passar, até mesmo para que haja um desenvolvimento da sexualidade, no caso, a feminina, de modo tal que esta experiência sirva como “iniciação” à vida sexual da mulher, uma auto-afirmação da mulher que acaba tomando total consciência de seu papel de procriadora e assumindo-se como o tão famoso “sexo frágil”.

Porém, é em “A Escolha” que Lygia Fagundes Telles consegue abordar a questão do lesbianismo de forma mais realista, abordando-o, agora, não como um “mal” ocasionado pela desilusão com um relacionamento heterossexual, nem “como uma etapa no processo de crescimento”, algo passageiro, “coisa da idade” que em curto período de tempo se “resolve”. Neste romance, Telles trabalha o lesbianismo como centro da narrativa e sem disfarces. Segundo Mott (1987), nessa obra, a autora narra a história de um amor homossexual em que uma das envolvidas já não participa da narrativa em primeiro plano visto que já havia morrido ou, por assim dizer, havia “escolhido” a morte como companheira, uma vez que não teria tido coragem o suficiente para optar entre o amor da mãe e o da amante e, sendo pressionada pela figura materna, altamente representativa da sociedade repressora em que as personagens estavam inseridas, opta por uma terceira alternativa: a morte.

Gina e Oriana, protagonistas da história, vivem um relacionamento amoroso não enunciado no texto. Na verdade temos, em “A Escolha”, a representação simbólica do tratamento dado à lésbica na sociedade brasileira: a “invisibilidade”, que faz com que ela seja ignorada em seus desejos e atitudes, ou o “reconhecimento”, que traz consigo uma gama enorme de ironia, não-aceitação e, até mesmo, de muita violência.

A questão da “invisibilidade” e do “reconhecimento” do sujeito lésbico por parte da sociedade são marcantes na obra de Telles. A “invisibilidade” é caracterizada, nesta obra, pelas rosas brancas que a mãe de Gina deposita no túmulo da filha. Estas rosas são a representação nítida daquilo que é discreto, comedido, puro e socialmente aceito. Quanto ao “reconhecimento”, este é marcado pela forte presença das rosas vermelhas que a amante deposita para Gina. Rosas estas “vermelhas, completamente desabrochadas [...] desveladas ao sol, quase obscenas de tão abertas”. (MOTT, 1987 Apud TELLES, p.129).

É importante observarmos que, a narração dos acontecimentos, no decorrer da trama, não se dá por Gina (morta), nem por Oriana (silenciada), posto que ambas estão ausentes do texto, mas por uma terceira voz, a da mãe de Gina, representante indubitável da sociedade dita “defensora da moral e dos bons costumes”.

O ápice do conto se dá quando Gina é obrigada tomar a grande decisão de toda sua existência, até porque, segundo as palavras da mãe da protagonista, “faça o que quiser, vá-se embora com Oriana ou fique comigo, a decisão é sua, tem todo o direito de escolher”. (MOTT 1987 Apud AZEVEDO p. 133).

E, devido à violência com que Gina é obrigada a se decidir entre a mãe e a amante, opta por uma terceira e surpreendente alternativa, tanto para a mãe da personagem quanto para o público leitor. Desta forma, foge à difícil tarefa de ter que escolher entre “assumir”, segundo Cristina Ferreira Pinto-Bailey, “a marginalidade social da mulher lésbica” ou renunciar seu amor por outra mulher.

Outro autor consagrado que trata do homossexualismo feminino em sua obra é Érico Veríssimo, no livro “Saga”, de 1940. Como podemos observar, quatorze anos antes de Telles lançar “Ciranda de Pedra”, cheia de pudores devido à sua condição não só de mulher, mas de uma mulher da alta sociedade, Veríssimo já abordava o tema com maior liberdade, porém utilizando-se do mesmo recurso: uma relação lésbica onde uma das envolvidas usa do imaginário a fim de transformar a outra no “macho da relação”, a tal ponto de ver na outra a imagem de um homem, com todas as suas características.

A cena ocorre quando as duas amigas, Vera e Chinita, sobem ao quarto para se ajeitarem antes de sentar à mesa para o chá. Sozinhas, Vera avança sobre Chinita, numa cena que nos lembra a descrita em “O Cortiço”, talvez um pouco menos violenta porque, enquanto Pombinha reluta para não se deixar envolver por Léonie, aqui, a resistência é pouca ou quase inexistente. No entanto, enquanto Pombinha tem a convicção de que se está realizando uma relação homossexual (daí sua total relutância), Chinita se deixa envolver a tal ponto que chega a imaginar que Vera é Salu, seu namorado. Tanto é assim que acaba chamando a amiga pelo nome dele, despertando na outra o desejo de agredi-la fisicamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar no decorrer de nossos estudos acerca da exploração do lesbianismo como tema literário, foi grande a contribuição de diversos autores, inclusive autores renomados, conhecidos no Brasil e no mundo. Observamos, também, que a maioria das mulheres que se dispuseram a discutir o tema em seus livros enfrentaram muitos obstáculos, inclusive uma árdua luta interior contra seu próprio preconceito e contra a estigmatização a que estariam sujeitas por ousarem tratar de um assunto relegado ao silêncio e à ignorância, por conseguinte.

Todavia, desejosos de que este quadro possa ser revertido, esperamos ter contribuído de alguma maneira para que temas como estes não sejam tratados como inferiores e/ou indignos de serem trabalhados em literatura, nas salas de aula, nos grandes seminários, enfim, que possamos discuti-lo, desprovidos de preconceitos e de quaisquer constrangimentos.

Lamentamos, no entanto, não termos uma maior quantidade de publicações que pudessem nos dar maior subsídio a fim de concretizarmos nossos objetivos com maior êxito. No entanto, acreditamos que, incitando a discussão, teremos semeado mais uma semente que germinará e prosperará no intuito de fazer com que as ditas “minorias” possam ser tratadas com o respeito e a dignidade a que têm direito.

Logo, louvemos a iniciativa de todos aqueles que se dispuseram, corajosamente, a abordar o assunto, mesmo que para tanto tenham percorrido caminhos sinuosos, cheios de enganos e até mesmo de contradições.

É de salutar importância termos em mente que estes autores abordaram o tema de modo tão criativo que ninguém ousaria a classificar sua(s) obra(s) como sublitteratura ou textos

pornográficos. Ao contrário, é notório o valor dessas obras, inclusive para os que ainda se deixam guiar pelo preconceito.

Sabemos, obviamente, que o homossexualismo feminino é um tema deveras antigo, entretanto, muito pouco explorado. Porém, é preciso que este tema seja trabalhado por professores, pesquisadores, cientistas, enfim, por todos aqueles que vêm no direito à igualdade um princípio norteador para uma sociedade mais justa e igualitária, onde as minorias sejam vistas, ouvidas e, acima de tudo, respeitadas.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Marica Rodrigues. **Resistência no asilo midiático**. In: INTERCOM \_\_ XXVI Congresso anual em ciência da comunicação, 02 a 06 set., 2003, Belo Horizonte, Minas Gerais. **Anais**. Minas Gerais. 2003.

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. **O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas**. Revista Iberoamericana 187 (abril-junho 1999): 405-21.

FERREIRA, Sílvia Lúcia & NASCIMENTO Enilda Rosendo do. (org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador. NEIM/UFBA, 2002.

MANHÃES, Maria da Paz Pereira. **Psicologia da mulher e outros trabalhos**. Rio de Janeiro. Livraria Atheneu, 1977.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1985.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.